

“Saber ser é tão difícil como saber escrever” – o leitor (de) António Lobo Antunes

Graziele Maria Valim³⁴

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Diana Navas³⁵

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Resumo

A partir da leitura de *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas de guerra* (2005), de António Lobo Antunes e dos romances iniciais do autor, o presente estudo tem um duplo objetivo: discutir o tipo de leitor almejado por António Lobo Antunes para a leitura de seus romances, bem como apresentar o próprio leitor António Lobo Antunes, tal como ele figura em suas obras. Para a realização deste intento, recorreremos, em especial, às reflexões de Barthes (1987), Piglia (2006), Antonio Candido (2011) no que concerne às suas investigações em relação ao leitor. A leitura empreendida permite-nos observar que Lobo Antunes revela-se como um leitor ávido, voraz e, principalmente, crítico, que, mais do que incitar o leitor a assumir um papel ativo de coautoria – visto a ele caber a (re)construção de sentidos possíveis na narrativa – destina a ele a tarefa de tornar-se capaz de ler o mundo e a si mesmo.

Palavras-chave

António Lobo Antunes. Cartas da Guerra. Leitor. Coautoria.

³⁴ Doutoranda e mestre, com financiamento CAPES, em Literatura e Crítica Literária na linha de tradição e novas perspectivas estético-culturais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

³⁵ Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.

1 Considerações iniciais

Para que possamos discutir sobre o leitor (de) António Lobo Antunes, faz-se necessário construirmos perguntas como: Há alguma forma correta de leitura? Como se deve ler um livro? A leitura precisa, necessariamente, ser um ato de prazer? Marcel Proust proclama que “a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar” (2003, p. 35). Já Virginia Woolf (2014) no ensaio intitulado *Como se deve ler um livro?*, escrito em 1925, ressalta que assim como os animais de mesma espécie são diferentes, possuindo pelos escuros ou claros, os livros também o são, diferindo-se entre si e exigindo, cada um à sua maneira, diferentes modos e planos de leitura. Logo, continua Woolf (2014, p. 74), para se obter êxito dentre os inesperados acasalamentos de espécies de livros, com suas variadas imbricações de gêneros, intertextos, é preciso que o leitor acompanhe o escritor na sua experiência, seja seu camarada e dispa-se de julgamentos, planos e expectativas, devendo sempre ler um livro como se estivesse a escrevê-lo.

A partir dessas considerações e tendo em vista a polissemia do verbo ler, o qual permite ampla exploração por diferentes vieses, a proposta desse artigo é dialogar sobre o papel que a leitura figura na escritura de António Lobo Antunes, bem como o tipo de leitor almejado pelo escritor. Por meio das narrativas aqui estudadas, pretendemos evidenciar que em António Lobo Antunes a leitura, assim como a escrita, trata-se de uma arte. Para experienciar essa arte o leitor precisa praticá-la, deixar-se imergir no mar de signos, nadar em meio aos significantes que estão entrelaçados pelos fios da linguagem e morar no espaço entre o real e o imaginário, pois, de acordo com Piglia: “Não existe nada simultaneamente mais real e mais ilusório do que o ato de ler” (2006, p. 29).

2 O escritor-leitor e o leitor-escritor

António Lobo Antunes é um daqueles escritores que decidiu desvendar o mundo a outros homens para que estes não aleguem ingenuidade e, conseqüentemente, isenção de responsabilidade perante suas existências (SARTRE, 2004). É sobretudo um leitor ávido, voraz, que vê na leitura e literatura companheiras capazes de abrir as janelas da manhã, tais como os poemas de Ezra Pound que mostram o mais profundo de todos nós, “num maravilhamento de revelação: a certeza de ter topado um companheiro de viagem em banco à primeira vista vazio e a alegria da partilha inesperada” (ANTUNES, 2009, p. 53).

Em *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra* (2005) – um compilado de missivas escritas à sua primeira mulher, enquanto esteve atuando na Guerra de Angola entre 1971 e 1973 –, o leitor tem diante de si textos de um escritor jovem e incipiente, em formação. Esse rapaz, diferente do jovem Proust que se aventurava por alamedas onde era impossível de ser encontrado, imerso numa imagem bucólica “olhando aspargos, a cercadura dos pés de morango, o lago, onde, [...] o silêncio era profundo, o risco de ser descoberto quase nulo, a segurança mais doce [...]” (2003, p. 21), inebriou-se e fartou-se de leituras durante uma “dolorosa aprendizagem da agonia” (ANTUNES, 2010, p. 36), em meio a bombardeios, mortes e destruições. Entretanto, suas leituras não eram somente para promover o alento necessário ao apaziguamento da solidão nos campos de batalha, antes, buscava criar um texto maior, capaz de realizar um movimento de travessia (BARTHES, 2004), que somente quando nos voltamos para o todo, isto é, suas obras várias, nos damos conta. Com mais de trinta livros publicados, incluindo crônicas, romances, livro ilustrado para crianças, o autor afirma que o conjunto de seus romances constitui uma única obra, pois

[...] não são histórias, não são romances. São um trabalho de desmedida ambição que levará tempo a ser entendido [...]. Cada título é uma parte de um todo que deveria idealmente ser lido pela ordem em que os diversos segmentos foram publicados, de modo a compreender-se a sua unidade e a forma como cada um deles se encaixa no todo. Claro que exigem muito do leitor mas exigiram muito mais de mim. Não é uma comédia Humana à Balzac, com todo o respeito que por ele tenho, nem uma Recherche como a de Proust, nem um Decameron. Longe disso. É, na minha cabeça, o Livro Total, e não voltarei mais a este assunto. (ANTUNES, 2016)

Para construir essa obra única, tudo o que passa, sente, lê, fala, vivencia e experiencia, será usado pelo autor como recurso de matéria para sua escrita. As epístolas estão inundadas de lirismo, metáforas, hipérboles, epítetos, prolepses que vão muito além de um amante que nas primeiras cartas encontra-se sozinho, chorando a ausência de sua amada esposa. Esse sujeito vai se moldando, usando a solidão a seu favor, fazendo dela e da escrita práticas ativas, um atarefamento, criando, então, ficção com múltiplos papéis – dúvidas, recriminações, desejos, melancolias – (BARTHES, 2003).

Quando mergulhamos nas cartas de Lobo Antunes, encontramos um leitor que está à procura do seu jeito próprio de dizer as coisas. É um escafandrista, um leitor apaixonado, extremo e compulsivo que precisa ler, fazer comparações das obras lidas a fim de poder tecer seus próprios romances:

O meu trabalho aqui é imenso. A população enche-me a manhã, e tenho de deixar para a tarde a consulta aos militares, o que me rouba tempo para a história, que, por sua vez, lá vai mancando página a página. Talvez o essencial seja escrever, ganhar

um hábito e um convívio com as palavras, como quem faz exercícios de piano. O livro do Butor que me mandaste é uma espécie de John dos Passos, escrito segundo a técnica simultaneísta, e deve ser uma das primeiras obras do tipo, ainda sem novidades de espécie alguma. O do Beckett tira frases inteiras do Molloy, e é bastante mais fraco. De qualquer forma não penses que fizeste más compras. Tenho gostado muito de os ler e têm-me feito muito bem. (ANTUNES, 2005, p. 139)

Nesse excerto, é possível perceber que há uma composição atenta à sua própria produção. O jovem de olhar criterioso, torna-se um cientista que busca o novo, algo que ainda precisa ser descoberto, como ao referir-se à novidade encontrada na obra de Butor – “deve ser uma das primeiras obras do tipo, ainda sem novidades de espécie alguma”. A cada epístola, Lobo Antunes vai tornando-se cada vez mais crítico de si e dos outros, do mundo, do tempo, da palavra. Como pode confiar somente em si, a respeito do que escreve, deixa de lado a guerra, que mais tarde vomitará em *Os cus de Judas*, para embrenhar-se no trabalho crítico dos textos:

Recebi as tuas críticas e comentários aos bocadinhos de péssima prosa que copiei para ti. Eu gostava de a fazer, mas não tenho sido capaz de nada. Tudo corre certo, acho que está bem, é mais ou menos o que eu quero que ela seja (o que já não é mau), mas tem muito que emendar, corrigir, ampliar, sei lá. Estou farto de fazer porcarias. Esta tem de ficar decente. Falta-me agora a faísca, e não sei quando voltará. De resto estes curtos-circuitos são habituais em mim. Nada de especial, portanto. Mas cada palavra tem de ser medida 30 vezes.

Veio o Almada e o Cortázar. O Almada é mau, mas tem de ler-se. Diferente, para pior do que eu calculava. Eu, se os tivesse escrito, não tinha a lata de publicar quase nenhum dos livros que já li. O Cortázar incluído. Apesar de tudo, e sem grande imodéstia, sou melhor que esses gajos todos. Mas gostava de ler o *Paradiso* e mais escritores sul-americanos, que correm paralelamente a mim. Isso é um facto. O mesmo modo de, não é? (ANTUNES, 2005, p. 272)

São várias as missivas em que o autor se dedica a pedir críticas à esposa sobre suas narrativas e a dar suas opiniões a respeito dos livros que está lendo, desnudando, desta forma, o seu processo de formação leitora e oferecendo, ao leitor de sua obra, as referências que constituem sua biblioteca pessoal, as quais em muito contribuem para (des)velar o seu projeto estético. Essa oferta, contudo, não se faz de forma passiva. Ao leitor das obras de Lobo Antunes são feitas grandes exigências, uma vez que a ele compete, entre outras habilidades, (re)conhecer variadas referências em seus textos, verdadeiros mosaicos construídos a partir das mais diferentes relações intertextuais, como podemos verificar em *Memória de elefante* (2009), primeiro romance publicado pelo autor, em 1979, e em mais um excerto da obra de cartas:

O olhar intensamente azul do porteiro-cobrador, que assistia sem entender a uma maré-baixa de revolta que o transcendia, embrulhava-o num halo de anjo medieval

apaziguante: um dos projectos secretos do médico consistia em saltar a pés juntos para dentro dos quadros de Cimabue e dissolver-se nos ocre desbotados de uma época ainda não inquinada pelas mesas de fórmica e pelas pagelas de Sãozinha: lançar mergulhos rasantes de perdiz, mascarado de serafim médio, pelos joelhos de virgens estranhamente idênticas às mulheres de Delvaux, manequins de espanto nu em gares que ninguém habita. (ANTUNES, 2009, p. 11-10)

No que se refere aos livros que me mandaste, ainda não os vi. [...] Vou lendo (relendo) os do Eleutério. A Queda, de Camus, tem uma frase estupenda. Diz que o que caracteriza a nossa época é que substituímos o diálogo pelo comunicado. Como quem diz: aqui está a verdade; se não a aceitam, contamos com a ajuda da polícia para vos convencer...

A história, coitada, lá coxeia. Depois de amanhã acabo este calhamaço, se não houver novidades. Mas tenho de dar uma guinada nisto, de agitar as águas. Aquela Voyage do Céline! Caraças, que é o livro melhor que já li, com a Guerra e Paz e o Ivan Illitch. E o Kaputt, de que tanto gosto... E o processo. E o Updike, que não sei o que lhe falta para ser tão grande como o Faulkner. Que conversa esta! Lá estou eu com os meus fantasmas, não é? (ANTUNES, 2005, p. 321)

Podemos afirmar então, que leitura e escrita também são protagonistas nas obras do autor, visto exigirem daquele que lê, não somente o acompanhamento do plano prévio do texto, mas o conhecimento de outras artes que vão além da literatura. Quanto mais escreve, mais esse jovem escritor-narrador-leitor, que estoura “literalmente, de palavras. De frases, de ideias” (ANTUNES, 2005, p. 202) esvazia-se de histórias, de personagens, de seu eu. Ele passa a tomar forma, reverberando-se também em narrativas como *Os cus de Judas*, segundo romance do escritor, publicado em 1979.

Por meio da leitura da obra de cartas e dos primeiros romances, percebemos a trajetória de um mesmo eu, leitor e escritor, que migra das cartas para a ficção. Enquanto na obra de cartas há a presença da mulher amada – sua primeira leitora – como símbolo da vida, do preenchimento de uma solidão pungente tal como a leitura, em *Memória de elefante* ela é representada como a imagem esmaecida da felicidade impossível de ser alcançada no real. É nesse sentido que escrita e leitura assumem, portanto, o protagonismo, visto serem as únicas capazes de receber e representar as dores, a vida, de aceitar o silêncio dos fragmentos que restaram do ex-alferes:

E porque é que só sei gostar, perguntou-se examinando as bolhas de gás pegadas à parede de vidro, porque é que só sei dizer que gosto através dos rodriguinhos de perífrases e metáforas e imagens, da preocupação de alindar, de pôr franjas de crochet nos sentimentos, de verter a exaltação e a angústia na cadência pindérica do fado menor, alma a gingar, piegas, à Correia de Oliveira de samarra, se tudo isto é limpo, claro, directo, sem precisão de bonitezas, enxuto como Giacometti numa sala vazia e tão simplesmente eloquente como ele: depor palavras aos pés de uma escultura equivale às flores inúteis que se entregam aos mortos ou à dança da chuva em torno de um poço cheio: chiça para mim e para o romantismo meloso que me corre nas veias, minha eterna dificuldade em proferir palavras secas e exactas como pedras. (ANTUNES, 2009, p. 105)

Esse narrador, que só sabe amar *a e através* da escrita, mesmo tendo saído de Angola, não conseguiu retornar para si mesmo e nem para a família. Ele continua lutando em outras guerras: “Porque será que continuamente me recordo do inferno, interrogou-se ele: por de lá não ter escapado ainda ou por o haver substituído por outra qualidade de tortura?” (ANTUNES, 2009, p. 107-108). É a luta com o texto e suas memórias – a fim de entender, (re)aprender o caminho para si e que poderá levá-lo ao outro, mas sem chamar por ninguém “porque (sabia-o) há travessias que só se podem efectuar sozinho, sem ajudas, ainda que correndo riscos de ir a pique numa dessas madrugadas de insónia” (ANTUNES, 2009, p. 123).

Essa guerra, ou tortura, representada em *Os cus de Judas* (2010), é a representação metonímica da sociedade portuguesa após a Revolução dos Cravos. Por meio do romance, o autor nos dá a conhecer o íntimo caótico de um ex-combatente na Guerra de Angola, que faz uso de músicas, quadros, filmes, personalidades consagradas para (re)construir, por meio da escrita, o diário coletivo de uma geração e, ao mesmo tempo, criar um antídoto para sobreviver à inexorabilidade do tempo, das mortes que presenciou, do desenraizamento que o leva a não pertencer a ninguém e a lugar algum, ao ressequir dos sentimentos e das coisas que o rodeiam:

No cu de Judas, oculto por uma farda de camuflado que me fornecia a aparência equívoca de um camaleão desiludido, adia a minha partida para Estocolmo a bordo de um barco de papel impresso, para viajar de helicóptero, de balões de plasma entre os joelhos, a recolher da mata os feridos das emboscadas, que sobreviventes estupefactos erguiam à maneira dos corpos brandidos dos náufragos. (ANTUNES, 2010, p. 45)

[...] sentia-me melancolicamente herdeiro de um velho país desajeitado e agonizante, de uma Europa repleta de furúnculos de palácios e pedras da bexiga de catedrais doentes, confrontado com um povo cuja inesgotável vitalidade eu entrevira já, anos antes, no trompete solar de Louis Armstrong, expulsando a neurastenia e o azedume com a musculosa alegria do seu canto. A essa hora, na minha cidade castrada pela polícia e a censura, as pessoas coagulavam-se de frio nas paragens dos autocarros, a soprarem adiante da boca o vapor de água dos balões das legendas de uma história de quadrinhos que o Governo proibia. (ANTUNES, 2010, p. 47)

Nesses excertos, o eu ficcional busca denunciar a crueldade da guerra não somente pelos fatos que verte em forma de um vômito testemunhal, mas por meio de anamorfoses, de subversões da linguagem em que todo o sistema é atacado de uma forma lírica e altamente metafórica. É um texto que não tem a “frase por modelo; é amíude um potente jato de palavras, uma fita de infralíngua” (BARTHES, 1987, p. 12), que usa a poeticidade, como em “Europa repleta de furúnculos de palácios e pedras da bexiga”, para transtornar e escandalizar o leitor.

O leitor de *Os cus de Judas*, assim como o do livro *Cartas da Guerra*, é confrontado a todo instante não somente com as angústias e destruições causadas pela guerra, mas pela dor e prazer advindos da leitura e escrita, frequentemente representados pela figura feminina. Nas duas obras, os narradores, com frequência, aludem seus textos de construções sexuais, que tendem a denotar a sua relação com a palavra, criando um certo prazer de leitura acompanhado de algumas rupturas entre o culto e o obsceno, que poderiam, como afirma Barthes, a propósito de Sade, “moldar-se em frases tão puras que poderiam ser tomadas por exemplos de gramática” (BARTHES, 1987, p. 10-11):

cheguei, vou subir a escada, a arrastar a mala atrás de mim, abrir a porta, entrar, dissolver-me nos teus braços há tanto tempo sós, ver nascer a manhã na janela estreita do tecto, ao teu lado, assistir à chegada de anjo do padeiro, vou tocar na tua pele, as tuas pernas, o intervalo macio e tenro e côncavo das coxas, o espaço claro que separa os seios [...], vou entrar em ti devagar até ao fundo, apoiado nos braços estendidos para assistir à alegria gritada do orgasmo [...] (ANTUNES, 2010, p. 85)

[...] como gostaria de voltar depressa para poder ver-te, tocar-te, falar-te, meter a minha chave na fechadura do teu corpo, a língua na tua boca, a apertar-te o peito com as mãos, morder-te o pescoço, voar, lembro-me de pormenores absurdos, do sinal do peito do teu pé, do teu dente de ouro, do canal da tua nuca, e gosto absurdamente de todos: minha senhora, eu amo-a. (ANTUNES, 2005, p. 20)

A figura feminina nessas obras é a metonímia do fazer literário, do ato de criação. O autor e leitor António Lobo Antunes, que já afirmou em entrevista não conseguir viver sem escrever: “eu posso conceber a minha vida sem tudo – sem as minhas filhas e as outras pessoas de quem gosto – mas não sem escrever” (ARNAUT, 2008, p. 248), denota um trabalho tão intenso com a arte da escrita, que a sente desde um instrumento de tortura: “fora ela a primeira pessoa a amá-lo inteiro [...] a encorajá-lo a escrever, pagasse o preço que pagasse por essa quase tortura sem finalidade aparente de meter um poema ou uma história num quadrado de papel” (ANTUNES, 2009, p. 63-64), a um objeto de gozo, que é sentido, ou melhor, transmigrado, por meio de seu eu ficcional: “eu masturbava-me no quarto sob a fotografia colorida da equipa do Benfica, na esperança de vir a ser um dia o Águas da literatura, que de cócoras, ao centro, desafiava o universo com o orgulho de mármore de um discóbulo triunfal” (ANTUNES, 2010, p. 45).

A escrita é a única que poderá amar e receber, verdadeiramente, o narrador dessas obras, e para a qual ele poderá dizer em plenitude, embora não sem dor: “amo a vocês todos (palavras, giros, frases, adjetivos, rupturas: de cambulhada: os signos e as miragens de objetos que eles representam” (BARTHES, 1987, p. 13). Esse eu ficcional, que ama as palavras e faz delas sua razão de viver, não se contentará em guardar para si toda a dor que sente ao “deitar

palavras no papel com a ternura de quem deita um filho” (ANTUNES, 2005, p. 202). Nas narrativas há o cultivo de um estilo e atmosfera bastante intrínsecos, que tem a intenção de exaurir, perturbar, desafiar o leitor que decidir aventurar-se por suas páginas. Isso porque, intensamente preso e atento ao ato da escrita, Lobo Antunes adensa o que ele chama de “antropofagia através da fome continuada” (ANTUNES, 2002, p. 111), realizando não somente um devoramento de tudo que o rodeia para fins de elaboração estético-literária, seja das artes em geral ou do cotidiano, mas uma ruminação obsessiva e intensa de um real outro, que não o nosso.

Em Lobo Antunes, leitura e escrita devem ser parte de um processo inerente à vida do leitor, tal como a arte, que também necessita de processos para ser desenvolvida. O autor força o leitor a reconhecer o artifício, o duro trabalho que o texto reivindica, a conhecer os “bastidores” da criação, tornado-o “aquela personagem que está no palco (mesmo clandestinamente) e que sozinha ouve o que cada um dos parceiros do diálogo não ouve; sua escuta é dupla (e, por isso, virtualmente múltipla)” (BARTHES, 2004, 40-41). Em outras palavras, é também exigindo que esse leitor assuma a função de um cocriador da obra que está lendo, com a intenção de aproximar suas experiências afetivas, sua realidade de mundo ao mesmo tempo em que as aproxima da realidade ficcional. O leitor fica então, imerso em um universo que não é dominado por ele, mas que o desafia a todo instante de forma paradoxal – à medida que a história vai sendo construída, é preciso que ele assuma uma postura interpretativa, de crítico e de criador – projetando-o para uma estética que Cristina Robaldo Cordeiro, no artigo *Procura-se leitor* (2003), denomina de desprazer. Segundo a autora, o leitor de Lobo Antunes é projetado em voo para as coisas, precisando sentir o medo e o gostar desse medo que tem; precisa sentir-se desamparado até que volte a ter os pés em terra novamente e, nesse ciclo, necessita voltar a voar, a ter medo, a gostar e reiniciar tudo novamente, pois o desprazer

está então nesse «pânico feliz» do confronto com a própria ambivalência da vida, de uma vida devorada pelos objetos, desfigurada pelos outros, que tornam relativo o valor absoluto dos termos que compõem (do amor, da liberdade, da verdade, da morte), no desassossego de uma escrita que privilegia a ambiguidade no próprio gesto de fazer ficção e concilia a desmesura e o segredo, o excesso do dizer e o não-dito. (CORDEIRO, 2004, p. 126)

Desse modo, o leitor de *Os cus de Judas*, é levado, a todo instante, a “ler levantando a cabeça” (BARTHES, 2004, p. 26), pois a narrativa força a sua interrogação em meio a sua estrutura descontrolada e subversiva. Esse texto, que está sendo produzido pelo autor no

mesmo instante em que também é (re)escrito pelo leitor, instaura dúvidas acerca do real e do ficcional, evidenciando que assim como a realidade e seus valores são relativos, o texto também pode ser:

Estendido numa cova à espera que o ataque acabasse, olhando as hirtas silhuetas de chapéu alto dos eucaliptos idênticas a fúnebres testemunhas de duelo, de G3 inútil no suor das mãos e cigarro cravado na boca como palito em croquete, descobri-me personagem de Becket aguardando a granada de morteiro de um Godot redentor. Os romances por escrever acumulavam-se-me no sótão da cabeça à maneira de aparelhos antiquados reduzidos a um amontoado de peças dispares que eu não lograria reunir [...]. (ANTUNES, 2010, 50-51)

Esse narrador-protagonista está narrando sua realidade por meio de uma outra realidade, que seria a de um personagem de Beckett, o qual no mesmo instante, volta para sua realidade anterior para nos falar dos livros que estavam se aglutinando em sua memória. Isso provoca dúvidas, pois não sabemos se o romance que estamos lendo e que ele está nos narrando pode ser o que esse narrador estava acumulando em sua memória. E, nesse jogo, percebemos que há uma comunicação entre a ficção e a realidade que é elaborada tanto para fora quanto para dentro do texto, permitindo diferentes níveis de ficção.

O que presenciamos enquanto leitores, a respeito não somente dos primeiros romances de Lobo Antunes, mas de suas demais obras, é que o autor cria jogos com o fazer literário. Ele testa a nossa perseverança e o nosso auto-controle em não fecharmos o livro quando nos deparamos com uma sintaxe truncada, hostil, que desenreda e constrange, a qual talvez constranja porque desenreda, num ciclo vertiginoso e vicioso, capaz de deixar frustrado, até mesmo, um leitor experiente. Diante de uma escrita que se apresenta como um conjunto de estilhaços, de fragmentos, exige-se do leitor o abandono de sua passividade. A ele compete também unir as diversas peças do *puzzle* de que se compõem a sua escrita e (re)organizá-los, na tentativa de (re)criar sentidos possíveis para narrativas que se revelam como verdadeiros mosaicos.

Mais do que, no entanto, tentar reorganizar os fragmentos de que o texto e a vida são feitos, podemos afirmar que o leitor António Lobo Antunes, bem como o leitor que é projetado pelo autor para a sua obra – é um leitor que se conduz pela multiplicidade de possibilidades de leituras, que agrega a elas a sua experiência e que se torna, conforme sugere Piglia (2006), no experienciador final do sentido. Ou seja, um leitor que não se limita a receptor, mas assume o papel de “experienciador” e produtor de uma experiência estética.

Enquanto escritor, Lobo Antunes assume o papel de um médico de si e do mundo, pois o mundo, segundo Deleuze (1997, p. 13-14), é formado de sintomas cuja doença se confunde

com o homem. O autor parece desejar curar esse homem pela sua escrita, libertá-lo para que a vida possa fluir e ser fruída. Ao mostrar ao homem o caos interno e externo causados pela guerra, lembrando e relembando as destruições patrimoniais, físicas e mentais provocadas pela ambição de um governo, e como famílias foram separadas e destruídas quando os soldados retornavam perturbados e castrados emocionalmente, o autor quer que esse homem, leitor, promova uma revolução em si e do real que o circunda:

Porque camandro é que não se fala nisto? Começo a pensar que o milhão e quinhentos mil homens que passaram por África não existiram nunca e lhe estou contando uma espécie de romance de mau gosto impossível de acreditar, uma história inventada com que a comovo a fim de conseguir mais depressa [...] que você veja nascer comigo a manhã na claridade azul pálida que fura as persianas e sobe dos lençóis. (ANTUNES, 2010, p. 65)

O Chiúme era o último dos cus de Judas do Leste, o mais distante da sede do batalhão e o mais isolado e miserável: os soldados dormiam em tendas cónicas na areia, partilhando com os ratos a penumbra nauseabunda que a lona segregava como um fruto podre [...]. Sessenta pessoas encerradas na sanzala alimentavam-se em latas ferrugentas dos restos de comida do quartel, mulheres acoradas sorriam para a tropa o riso vazio das efígies das canecas de loiça (ANTUNES, 2010, p. 66-67)

As obras de Lobo Antunes nos refletem no mesmo instante em que também nos dá a oportunidade de, juntamente com o autor-narrador-personagem, sermos os cocriadores de um outro eu, diferente daquele que éramos antes de iniciarmos as leituras de suas narrativas. Ao relatar os fatos desumanos que os soldados experienciaram na guerra, esse autor-narrador-personagem espera que seus leitores sejam afetados pela leitura, levantem a cabeça, reconheçam a si mesmos concomitante à conscientização da barbárie, a qual uma geração inteira de portugueses foi submetida. De maneira que nessa reverberação, isto é, da ação da obra no homem, haja a criação de um outro, permeado de humanização. E por humanização, entendemos, assim como Antonio Candido (2011, p. 182), o processo que confirma no homem aqueles traços que julgamos essenciais, como a prática da reflexão, a busca pelo saber, a apuração das emoções e do senso de beleza, a capacidade de refletir sobre os problemas da vida, compreendendo a complexidade do mundo e dos seres.

Assim como Antonio Candido (2011, p. 188) afirma que a literatura precisa tornar-se um direito de todo ser humano, pois corresponde a uma necessidade universal, algo indispensável à forma de nossos sentimentos, que organiza nossa visão de mundo e nos liberta do caos, Lobo Antunes acredita que ela deve ser tão básica ao homem como o pão que nos alimenta a cada dia:

Embora para mim escrever nunca tenha sido um acto de grande prazer, simplesmente quando não escrevo ando mais mal disposto, começo a ficar insuportável e depois é a tortura.

Mas é estar ao pé das pessoas e estar com elas. Lembro-me muitas vezes do Tchekov, [...] e na ideia que ele tinha da importância do acto literário, como este acto pode ser interveniente junto das pessoas e as pode ajudar. [...] no sentido de ajudar as pessoas a entenderem-se e de nos ajudar também a entendermo-nos um bocado melhor.

Isto é uma visão optimista e utópica, mas eu acho que não faz mal nenhum ser-se optimista e ser-se, se for necessário, um bocado utópico. [...] Eu penso que a escrita pode ir directamente ter com as pessoas simples. (Neruda falava também disto), e falar-lhes... Ser tão importante para elas como o pão, como queria o Neruda. Há-de haver um dia em que isso há-de acontecer, com certeza. (ARNAUT, 2008, p. 27-28)

Quando o direito à literatura é negado ao cidadão, também lhe é negado e restringido o direito de se livrar de sua condição de miséria física e espiritual. O que fica, à camada mais carente da sociedade, é a literatura de massa que não é capaz de livrar o homem de sua ignorância. Por isso, é que um escritor como António Lobo Antunes faz-se essencial dentro do estrato literário. Mesmo reconhecendo que seu estilo de escrita, em alguns momentos, torna-se entrave para alguns leitores: “Simplesmente há todo o problema da dificuldade da escrita e a minha é toda muito carregada de metáforas, eu sinto-a realmente muito barroca. [...] apesar de tudo, talvez seja possível chegar às pessoas através dessa maneira” (ARNAUT, 2008, p. 27), também sabe que é pelo seu interior, pelos seus círculos concêntricos que o leitor, aquele que se aventura a sentar-se ao lado dos demônios e por eles ser sufocado, também será o mesmo que, tendo fechado o livro, terá assento garantido ao lado dos anjos:

Caminhem pelas minhas páginas como num sonho porque é nesse sonho, nas suas claridades e nas suas sombras, que se irão achando os significados do romance, numa intensidade que corresponderá aos vossos instintos de claridade e às sombras da vossa pré-história. E, uma vez acabada a viagem

e fechado o livro

convalesça. Exijo que o leitor tenha uma voz entre as vozes do romance

ou poema, ou visão, ou outro nome que lhes apeteça dar

a fim de poder ter assento no meio dos demônios e dos anjos da terra.

(ANTUNES, 2002, p. 110)

A salvação por meio da escrita, a salvação por meio da literatura são uma coisa só, seja para o leitor ou para o escritor. Quando doa sua vida à escrita e torna-se autor de seu próprio dom de escrever – não basta querer, é preciso trabalhar para ganhar a tal familiaridade com as palavras – Lobo Antunes dedica-se não só à transformação do romance, mas à desse homem-leitor e também do mundo pelo viés da linguagem:

apetece-me fazer de cada página um barquinho de papel e deixá-lo navegar pelas sarjetas na esperança de que outra mão as receba como uma espécie de Índia onde

cheguei por acaso, juntamente com o ecozinho de um assobio no escuro e um sobrolho apreensivo da mãe. (ANTUNES, 2002, p. 125)

Ao contrário do que a escrita de Lobo Antunes possa parecer – piruetas com a linguagem –, ela não se conclui, mas incita sem dar respostas, cria um invólucro de sensações várias capazes de perturbar desde o leitor comum, descrito por Virginia Woolf (2007) – trivial, que lê para o seu próprio prazer, sem preconceitos, e distante da intelectualidade, muitas vezes assoberbada, do crítico –, até os denominados leitores puros de Piglia (2006, p. 21): o insone, sempre desperto, e o viciado, que não consegue parar de ler. Por isso, a leitura de suas obras precisa ser praticada, degustada em suas variadas formas e cocriada a partir de olhares ligeiros, dispostos renunciar à própria chave para utilizar aquela que o texto lhes oferece (ANTUNES, 2002, p. 109). Seja nos romances ou no livro de cartas, o que António Lobo Antunes faz é o uso de seu “assobio no escuro”, na tentativa de que alguém, algum leitor, responda ao seu chamado ou mesmo que encontre, por qualquer caminho pelo qual passar, alguma das páginas barquinhos que foram soltas por ele em suas obras.

3 (In)conclusões

“Minha própria vida de leitor está presente, e por isso este livro talvez seja o mais pessoal e mais íntimo dos que já escrevi” (2006, p. 182). Enunciada por Ricardo Piglia, em *O último leitor*, essa frase, certamente, poderia ter sido dita por António Lobo Antunes, um dos maiores expoentes da literatura contemporânea em língua portuguesa, em relação ao conjunto de suas obras e, neste estudo, mais especificamente sobre *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra e Os cus de Judas*. Isso porque, nessas narrativas, conforme intentamos demonstrar ao longo de nosso estudo, podemos verificar a figuração do autor como leitor em suas próprias obras, bem como delinear o leitor almejado/projetado por Lobo Antunes para seus romances. Dito de outra forma, o autor, nas obras em estudo, desnuda seu processo de formação leitora, oferecendo ao leitor as referências que constituem a biblioteca íntima desse ávido e voraz autor-leitor, referências essas que nos auxiliam no (des)velamento de seu projeto estético.

Por meio de um texto que se constrói a partir do diálogo não apenas com diferentes obras literárias, mas com diversas outras linguagens e referências históricas e culturais, Lobo Antunes convida o seu leitor a abandonar a passividade do ato da leitura e a assumir uma postura de coautor, uma vez que a ele destina-se a tarefa de (re)organizar os diversos estilhaços de que se compõem as narrativas, no intento de (re)criar sentidos possíveis.

Reconhecendo a leitura como atividade tão complexa e difícil como a escrita, Lobo Antunes vê em seu leitor um cúmplice, a quem cabe decifrar os enigmas dos seus romances por meio de um trabalho de reconhecimento de discursos ideológicos e estéticos que são, muitas vezes, sociais e históricos. Mais do que isso, no entanto, o autor convida o seu leitor a tornar-se não apenas um leitor do texto literário, mas um leitor de si e do mundo.

Ao realizar os “exercícios de piano”, transformando personagens em instrumentos de uma orquestra, criando uma sinfonia de palavras capazes de nos “fazer chorar sem nos oferecer um lenço” (ANTUNES, 2002, p. 125), o autor nos confere o papel de coautoria de nosso real. Cada página de suas obras literárias tornam-se espelhos que nos mostram não somente a nós próprios e o nosso presente, mas o futuro e o passado, sonhos, catástrofes, desejos e recordações (ANTUNES, 2013, p. 51). E ao nos vermos e depararmos com o espectro opaco de sentimentos plastificados que nos constitui, o autor pede que regressemos “desses espelhos como quem regressa da caverna do que era” (ANTUNES, 2002, p. 111), pois, ao que parece, este pode ser o único meio de conferirmos sentido à nossa realidade.

Referências

ANTUNES, António Lobo. **Segundo livro de crónicas**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

_____. **D’este viver aqui neste papel descripto**: cartas da guerra. Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes (Orgs.). Lisboa: Dom Quixote, 2005.

_____. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. **Os cus de Judas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____. **Livro de crónicas**. Alfragide: Dom Quixote, 2013.

_____. Até que as pedras se tornem mais leves que a água. In: **Visão**: Opinião. Edição digital, agosto, 2016. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/opiniao/2016-08-18-Ate-que-as-pedras-se-tornem-mais-leves-que-a-agua>>. Acesso em 04 de dez. 2017.

ARNAUT, Ana Paula. **Entrevistas com António Lobo Antunes 1979-2007**: Confissões do Trapeiro. Coimbra: Almedina, 2008.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O império dos signos**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CORDEIRO, Cristina Robaldo. Procura-se leitor. In: CABRAL, Eunice (orgs.) **A escrita e o mundo em António Lobo Antunes (Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora)**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. 3 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

WOOLF, Virginia. **O leitor comum**. Trad. Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.

_____. Como se deve ler um livro. In: **Ensaio escolhidos**. Trad. Ana Maria Chaves. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

"KNOWING HOW TO READ IS AS DIFFICULT AS KNOWING HOW TO WRITE" - THE READER (OF) ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Abstract

Considering the reading of *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas de guerra* (2005), from António Lobo Antunes and his early novels, the present study has a double objective: to discuss the type of reader intended by António Lobo Antunes for the reading of his novels, as well as to present the own reader António Lobo Antunes, as he appears in the works investigated. In order to achieve this aim, we refer in particular to the reflections of Barthes (1987) and Piglia (2006) regarding their investigations of the reader. The reading allows us to observe that Lobo Antunes reveals himself as an avid, voracious and, mainly, critical reader who, rather than only inciting the reader to take an active role of co-authorship - since he is in charge of (re)construct the possible meanings in the narrative – it is assigned him the task of becoming able to read the world and himself.

Keywords

António Lobo Antunes. Cartas da Guerra. Reader. Co-authorship.

Recebido em: 31/06/2019
Aprovado em: 05/02/2020